

Tradução do alemão por PG, revisão e edição por CN, 31.01.2011

(original em http://www.offen-siv.com/2006/06-04_Maerz-April.pdf)

As várias cascas da cebola Gorbatchov

Kurt Gossweiler

Fevereiro de 1993¹

I. A casca exterior: o caminho para a obtenção do poder pela manha

1. Do discurso de M. Gorbatchov na cerimónia fúnebre do seu antecessor K.U. Tchernenko (ND de 14.03.1985)

«O Comité Central e o Politburo do CC tomaram e implementaram, sob a sua direcção [de Tchernenko], importantes deliberações sobre os problemas fundamentais do desenvolvimento económico e sociopolítico do país assim como sobre a educação comunista das massas. Konstantin Ustínovitch fez muito pela concretização do rumo leninista do nosso partido – o rumo para a consolidação do poder da nossa pátria assim como para a manutenção e reforço da paz mundial. Hoje, o Partido Comunista, o seu CC e o Politburo do CC declaram expressamente perante o povo soviético a sua determinação inabalável em servir fielmente a causa da paz, do progresso social e da felicidade dos trabalhadores.»

2. De uma entrevista de M. Gorbatchov ao jornal do PCF *L'Humanité*, de 4 de Fevereiro de 1986:²

«Pergunta – Em diversos círculos do Ocidente faz-se frequentemente uma pergunta: Na União Soviética desapareceram todos os vestígios do stalinismo?»

«Resposta – «Stalinismo» é um conceito inventado pelos inimigos do comunismo e largamente explorado para denegrir a imagem da União Soviética e do socialismo em geral.

«Decorreram 30 anos desde que o XX Congresso do partido levantou a questão de pôr termo ao culto da personalidade de Stáline e que o Comité Central do PCUS adoptou uma resolução sobre o assunto. Digamos com franqueza que foram, para o nosso partido,

¹ Texto publicado pela primeira vez em edição especial do *Kommunistischen Arbeiterzeitung* (KAZ) (Jornal dos Trabalhadores Comunistas), Munique, Fevereiro de 1993. Depois publicado na revista *Offensiv*, Dezembro de 1994, e na colectânea de Kurt Gossweiler *Contra o Revisionismo*, em 1997. Em 2006 volta a ser publicado na *Offensiv*, n.º4, acrescido do ponto IX sobre o discurso de Gorbatchov em Ankara em 1999, e precedido de uma introdução («Porquê este regresso à “cebola Gorbatchov?”, observações introdutórias à sua nova publicação»), que incluímos no final da presente edição. (N. Ed.)

² Citações cotejadas com a edição em francês *Réponses de Mikhaïl Gorbatchev aux questions de L'Humanité*, Edition de L'Agence de presse Novosti, Moscovo, 1986, p. 16 (Ver também *Avante!*, de 20.02 1986) (N. Ed.)

decisões difíceis de tomar. Foi um teste à firmeza dos princípios do nosso partido e à nossa fidelidade ao leninismo.

«Penso que passámos esse teste de cabeça erguida, retirando do passado as lições que se impunham.»

Comentário – Esta resposta já é marcada pela ambiguidade e dupla interpretação que irão caracterizar as futuras afirmações de Gorbatchov nos anos seguintes: em que consistia a «firmeza de princípios do partido»? Seria no facto de estas resoluções terem sido tomadas ou de não se ter cedido ao «fim do ajuste de contas com Stáline»?

Eis, na mesma entrevista, um outro exemplo de ambiguidade consciente do seu oráculo, calculado para induzir em erro:

«Na era nuclear é impossível continuar a viver, pelo menos durante muito tempo, com a mentalidade, os hábitos e as regras de conduta da Idade da Pedra.»

Todos os comunistas que leram isto ficaram satisfeitos: «Agora é que ele acertou em cheio nos imperialistas!» Mas muito rapidamente tiveram de constatar – caso tenham ouvido e visto com rigor – que não era aos imperialistas que ele se dirigia, mas sim aos seus, aos que conservavam o «velho», isto é, o pensamento marxista-leninista.

O mesmo acontecia com a inflamada palavra de ordem da necessidade do «novo pensamento». Naturalmente que nós víamos isso principalmente como um convite dirigido ao lado imperialista: o *nosso* lado exigia a proibição, o banimento de todas as armas nucleares desde o início da existência de armas nucleares; nós propusemos intransigentemente ao outro lado o nosso desejo de coexistência pacífica, de resolução *pacífica* das nossas diferenças, foram *eles* que sempre e constantemente recusaram quer uma quer outra. Era a *eles* que se tinha de exigir «novo pensamento» para evitar que a necessária disputa entre sistemas conduzisse à guerra.

Mas não foi necessário muito tempo para se tornar claro que Gorbatchov não se dirigia aos imperialistas, mas sim a nós: pensamento da idade da pedra era a *nossa* insistência em manter os ensinamentos básicos do marxismo-leninismo, de que a guerra tem origem no **imperialismo** e que quanto mais forte for o socialismo, mais segura é a paz. *Ele* levou a maioria da nossa gente a considerar este ensinamento básico como «velho pensamento» e a aceitar a sua «superação» e substituição pelo seu «novo pensamento» como necessário e imperioso. O seu «novo pensamento» e a política respectiva consistiam na lógica suicida de que quanto mais cedêssemos, recuássemos perante o imperialismo, mais segura estaria a paz.

Esta lógica colocava, de veras, todos os factos de pernas para o ar: não era o imperialismo que ameaçava os países socialistas, mas sim o contrário, era o poder militar do Pacto de Varsóvia que ameaçava, supostamente, o Ocidente! Foi o próprio marechal Akhromeiev que o afirmou! (ND de 13/14.04.1991: Akhromeiev, «*Conselheiro do presidente Gorbatchov*» defendeu «*a dissolução da estrutura militar da NATO*». Justificação: «As forças armadas soviéticas já não representavam nenhum perigo para a Europa, e o Pacto de Varsóvia dissolvera-se.»

Mas em 1986 ainda se mantinha a ambiguidade, formulada de tal forma que nós a aceitámos como evidência marxista-leninista, já que *desejávamos* que Gorbatchov fosse finalmente o homem capaz de retirar o socialismo do beco sem saída e de o conduzir a novos voos, e era exactamente isto que ele prometia constantemente.

3. O XXVII Congresso, Fevereiro de 1986 (ND de 26.02.1986):

O que caracteriza retrospectivamente o XVII Congresso é que – como hoje sabemos – *se iniciou* a reasunção dos objectivos do XX e do XXII congressos do PCUS, mas isto só era

possível de supor através do aspecto formal, já que, no seu decorrer, não se puderam constatar quase nenhuns sinais.

A *formalidade*: o primeiro congresso sob a direcção de M. Gorbatchov iniciou-se exactamente trinta anos após o XX Congresso, a 25 de Fevereiro de 1986. Este género de formalidades não são fruto do acaso, têm sim significado «programático».

Mas esta data manteve-se como a única indicação de uma qualquer intenção de estabelecer uma continuidade entre estes dois congressos. Quem esperava e desejava uma relação directa com o XX Congresso ficou desiludido. Pode suspeitar-se que Gorbatchov teve a intenção de estabelecer uma tal relação, mas não obteve do *Politburo* a sua concordância. A sua posição ainda era fraca, ainda não dominava o CC, e ainda menos o congresso. Teria sido fácil aos da direcção, que tinham sido determinantes na sua eleição – como por exemplo Gromiko – reunir uma maioria contra ele. Primeiro, este congresso tinha de o ajudar a alcançar uma posição própria de poder, que lhe permitisse formar uma nova direcção constituída pela *sua* gente. Os plenários após o congresso assim como a XIX Conferência do partido ocuparam-se disso, e as mudanças posteriores na direcção do partido tornaram a sua posição tão inatacável que ele pôde afirmar cada vez mais claramente os objectivos do seu rumo.

Mas no XXVII Congresso as coisas ainda não estavam tão adiantadas. Gorbatchov ainda se esforçava por não suscitar dúvidas sobre a sua fidelidade ao leninismo, e limitou-se a alusões sobre as mudanças de rumo que tencionava fazer. Eis um pequeno exemplo disto no seu discurso:

«Marx comparou o progresso na sociedade exploradora com “aquela abominável divindade pagã que só queria beber néctar do crânio dos vencidos”. (...) A análise de Marx surpreende pela sua dimensão histórica, acerto e profundidade. Aplicada à realidade burguesa do século XX talvez seja ainda mais actual do que no século XIX». (!!! Mas muito rapidamente nos virá ensinar que o século XIX, e com ele Marx, não nos pode ensinar mais nada porque os seus ensinamentos são antiquados!) «Por um lado, o desenvolvimento impetuoso da ciência e da técnica abrem-nos possibilidades, nunca antes existentes, de domínio sobre as forças da natureza e de melhoria das condições de vida da humanidade. Mas por outro lado, o “esclarecido” século XX entrou para história através de criações do imperialismo como as guerras sanguinárias, o militarismo e o fascismo desenfreados, genocídio, empobrecimento de milhões. A ignorância e obscurantismo convivem no mundo do capital com as grandes conquistas da ciência e da cultura.»³

À primeira vista pode pensar-se: é uma análise marxista! Num olhar mais cuidado constatar-se-á que não se pode falar de *análise*: não são expostas relações internas, regista-se simplesmente uma contraposição do bom e do mau. E isto permite-lhe então, em vez de concluir a necessidade da luta contra o imperialismo, afirmar uma banalidade, na qual se escondem o abandono de Marx e Lénine e a renúncia à luta pela paz através da mobilização dos povos contra o imperialismo:

«E é esta a sociedade com a qual nós temos de ter relações de vizinhança, procurar vias de cooperação e de compreensão mútua.» E porque temos de o fazer? *«A história assim o dispôs.»*

Isto é recorrente nele, não remete para o bom Deus – ainda não, lá chegará! – mas apresenta sempre as suas decisões como vitais – exigidas pela «história» ou pela «vida».

Ou seja, tudo o que virá mais tarde já está aqui *in nuce*⁴ esboçado.

³ Cotejado com o original em russo, *Documentos do XXVII Congresso do Partido Comunista da União Soviética*, Politizdat, Moscovo, 1986, pp. 8-9. (N. Ed.)

⁴ Expressão latina que significa em suma. (N. Ed.)

II. Cai a primeira casca: o poder está firme, os avanços para a liberalização tornam-se mais claros

O discurso de M. Gorbatchov no 70.º aniversário da Revolução de Outubro (ND de 03.11.1987)⁵

Na verdade o discurso é constituído por duas apreciações completamente contraditórias da história da União Soviética. A primeira parte é uma avaliação da perspectiva de um comunista: esta parte foi-lhe incumbida pelo *Politburo*. Aí encontram-se afirmações que ele próprio porá em causa com o que apresenta na segunda parte, principalmente no que respeita ao período de Stáline. Com isto, este discurso segue o plano do XX Congresso, cuja parte oficial e pública foi mais ou menos justa para com toda a história soviética e fez uma crítica relativamente moderada a Stáline, enquanto a segunda, à porta fechada, e só para um círculo restrito de delegados ao congresso, com o relatório de Khruchov (que até há pouco tempo só existia publicado no Ocidente, e que não tinha sido confirmada como verdadeira nem por Khruchov, nem pelo PCUS), apresentou uma deturpação da história do PCUS sob a direcção de Stáline, entremeada com invenções e infundadas suposições.

Citem-se algumas passagens assinaláveis da primeira parte do discurso de Gorbatchov – assinaláveis principalmente tendo em consideração as afirmações posteriores de Gorbatchov, em flagrante contradição com elas.

«O ano de 1917 mostrou que a escolha entre socialismo e capitalismo é a principal alternativa social da nossa época, que no século XX não se pode avançar sem caminhar para uma forma superior de organização social, para o socialismo. Esta conclusão leninista fundamental não é hoje menos actual (...). É esta a lei do desenvolvimento social progressivo.»

«A história apresentou um duro ultimato ao novo regime: ou criava no mais breve prazo a sua base socioeconómica e técnica e sobrevivia, proporcionando à humanidade a primeira experiência de uma organização justa, ou extinguir-se-ia (...) O período depois de Lénine (...) ocupou um lugar particular na história do Estado soviético. Em pouco mais de década e meia realizaram-se mudanças sociais fundamentais.»

«O trotskismo (...) representou, na sua essência, um ataque ao leninismo em toda a linha. Na prática estava em causa o destino do socialismo no nosso país, o destino da revolução.»

«Nestas condições era necessário desdourar publicamente o trotskismo e desmascarar a sua essência anti-socialista. A situação complicou-se porque os trotskistas constituíram um bloco com a “nova oposição” encabeçado por G.E. Zinóviev e L.B. Kámenev.»

«Deste modo, o núcleo dirigente do partido, liderado por I.V. Stáline, defendeu o leninismo na luta ideológica, formulou a estratégia e tática para a etapa inicial da construção do socialismo, e a sua linha política teve o apoio da maioria dos membros do partido e dos trabalhadores.»

Depois de uma tal apreciação, seguiram-se as passagens em que se fazem todas as acusações conhecidas contra Stáline, de uma forma ainda mais concentrada. No fundo começa aqui a campanha que em todos os *media*, mas especialmente no *Moskóvski Novosti*, sob o lema do esclarecimento das «manchas brancas», se dedicou a enegrecer a história soviética, inicialmente só os anos sob Stáline, mas depois todo o período soviético, e assim preparou a contra-revolução.

⁵ Citações cotejadas com o original em russo, M. S. Gorbatchov, *Outubro e a Perestroika: A Revolução Continua*, Izdatelstvo Politicheskoi Literaturi, Moscovo, 1987, pp. 8-9. (Ver também *Pravda* de 3 de Novembro de 1987. (N. Ed.)

Mas ainda mais importantes são aquelas passagens do discurso de M. Gorbatchov, em que se podem reconhecer, retrospectivamente, indicações da via política subsequente de desmontagem perseverante das estruturas socialistas na economia e na sociedade. Mas já nessa altura permitiriam reconhecer que se estava a apontar na direcção falsa, caso qualquer olhar crítico perante «Gorbi» não fosse então considerado supérfluo ou até mesmo blasfémia.

Tais indicações eram:

Primeiro: a escolha de citações parcial e falsificadora de Lénine. Com isto matar-se-iam dois coelhos de uma cajadada só: a constante citação de Lénine devia identificar Gorbatchov como um autêntico leninista; pelo contrário, os pedaços de citações apresentados deviam camuflar a sua política antileninista com a autoridade de Lénine. Literalmente, a verificação de cada uma das citações de Lénine, utilizadas por Gorbatchov para justificar a sua «política de reformas», revela o mais grosseiro abuso: relê-se a respectiva passagem da qual foi retirada cirurgicamente a citação, e constata-se que ela afirma o contrário do que Gorbatchov quer sancionar com ela; *em Lénine* o núcleo da afirmação é *sempre* a justificação da necessidade da *luta de classes* irreconciliável; Gorbatchov emprega os seus pedaços de citação *sempre* como prova de que a sua *renúncia à luta de classes* está em concordância com o pensamento leninista.

Segundo: a preferência pelos últimos textos de Lénine, entre 1922 e 1923. Isto não só por causa do chamado «Testamento» (que é sempre citado de forma incompleta e apresentado unilateralmente), mas sobretudo para interpretar as propostas de Lénine de melhoramento do trabalho dos órgãos soviéticos como indicações que iriam agora ser concretizadas através das reformas de Gorbatchov, através da *perestroika*. Para isso, os jornalistas e propagandistas de Gorbatchov também não hesitaram em interpretar esses textos como a prova de que já Lénine se tinha atormentado com dúvidas sobre se «a experiência socialista» na Rússia podia ser levada até ao fim.

Terceiro: a preferência especial de Gorbatchov e do seu batalhão de escribas pelo período da *NEP*. Em oposição à afirmação inequívoca de Lénine, é apresentado não como um recuo temporário, mas sim como o método da construção do socialismo, erradamente estrangulado por Stáline, e ao qual era inevitável voltar para retirar o país da estagnação. O especial entusiasmo da gente de Gorbatchov pela *NEP* resulta da admissão de diferentes formas de propriedade; era por isso adequada para declarar que a admissão da *propriedade privada dos meios de produção*, ao lado da propriedade socialista, constituía um retorno à política leninista. Este indicador do caminho [a seguir] é já muito evidente no discurso do 70.º aniversário da Revolução de Outubro.

«A direcção do partido demonstrou [entre Fevereiro e Outubro de 1917] capacidade para uma busca criativa colectiva, recusando estereótipos e consignas que, ainda ontem, noutra situação, pareciam inquestionáveis e as únicas possíveis.» (Pareciam, diz ele, não que eram!). «Pode afirmar-se que o próprio curso do pensamento leninista (...) foi um brilhante exemplo do pensamento antidogmático, verdadeiramente dialéctico, e conseqüentemente, do novo pensamento. Assim, e só assim, pensam e agem os verdadeiros marxistas-leninistas, em particular em tempos de mudança, críticos, quando se decidem os destinos da revolução e da paz, do socialismo e do progresso.» (...)

«A decisão sobre a Nova Política Económica também estava profundamente imbuída da dialéctica revolucionária, abrindo o horizonte das concepções de socialismo e das vias para a sua construção.»

«Neste momento voltamo-nos cada vez com mais frequência para os últimos trabalhos de Ilitch [Lénine], para a ideia leninista da Nova Política Económica, e procuramos retirar desta experiência tudo o que é valioso e necessário para nós hoje. Naturalmente que seria errado colocar um sinal de igualdade entre a *NEP* e o que fazemos actualmente (...).

«No entanto, a NEP tinha também um alcance mais vasto. Estava colocada a tarefa de construir a nova sociedade (...) com a ajuda do entusiasmo nascido da grande revolução, na base do interesse pessoal, do interesse material pessoal, do cálculo económico...»

Como mais tarde se tornará claro, Gorbatchov não fez esta citação por causa do «*entusiasmo revolucionário*», nem do «*cálculo económico*», mas sim por causa da referência ao «*interesse pessoal*».

A ausência de interesse pessoal nos produtores das empresas estatais e cooperativas é assinalada e utilizada por Gorbatchov não como argumento a favor de uma reflexão sobre como poderia ser restabelecido, no quadro das empresas socialistas, mas sim para propor a passagem para uma «*concorrência das formas de propriedade*», para «*economia de mercado socialista*». O que se pretendia e se concretizou foi a reanimação dos instintos de propriedade privada.

Porém isto só aconteceu depois de a cebola mudar de pele. Aqui, no 70.º aniversário, só foram tocados os primeiros tons do futuro *leitmotiv*, mas o motivo não foi desenvolvido. Mas estes primeiros tons estavam lá, apesar de a maioria dos ouvintes e leitores não dever ter dado nenhuma atenção a este aspecto do discurso.

Na área da política externa já se seguia um outro desenvolvimento do *leitmotiv*: a transformação da política leninista de coexistência pacífica, da política de luta contra o imperialismo com meios pacíficos para uma política antileninista de promiscuidade com o imperialismo, enquanto suposto caminho para evitar a guerra atômica, e cujo primeiro acorde, iniciado no XXVII Congresso do PCUS, já foi citado. Mas a mudança de princípio, a recusa do conteúdo da luta de classes na política de coexistência pacífica, ainda era camuflada, negada:

«A concepção leninista de coexistência pacífica tem naturalmente sofrido alterações (...) Todavia, constituindo um prolongamento da política de classe do proletariado vitorioso, a coexistência pacífica tornou-se ulteriormente, e em particular na época nuclear, uma premissa para a sobrevivência de toda a humanidade.» (...)

«O XXVII Congresso elaborou uma nova concepção detalhada de política externa. O seu ponto de partida, como é sabido, assenta na seguinte ideia: não obstante o carácter profundamente contraditório e as diferenças fundamentais entre os estados que constituem o mundo actual, este está interligado, é interdependente e forma um todo determinado.»

Esta descrição da situação do mundo à época não tem nada a ver com uma descrição marxista, já que não define intencionalmente o conteúdo e a natureza do «*carácter profundamente contraditório*» e das «*diferenças fundamentais*».

Ainda assim, como nesta altura o pensamento leninista no PCUS continuava a ser mais determinante do que o «*novo pensamento*» de Gorbatchov, este não pode deixar de se confrontar com noções elementares de Marx e Lênine.

«(...) Neste novo momento de viragem na história mundial estamos a desenvolver teoricamente as perspectivas de avanço para um mundo estável. Com a ajuda do novo pensamento fundamentámos no essencial a necessidade e a possibilidade de um sistema universal de segurança internacional nas condições do desarmamento. Agora é preciso demonstrar a necessidade, a possibilidade real de caminharmos e alcançarmos este objectivo.»

Para fazer tal «*demonstração*», Gorbatchov precisa de provar que as teses elementares do leninismo já não são válidas, ou seja, em primeiro lugar, responder de uma «*nova forma*» à questão da essência do imperialismo, na qual, «*como é sabido, radica o principal perigo da guerra*».

O mesmo é válido para as duas questões seguintes que coloca:

«Estará o capitalismo em condições para se libertar do militarismo, poderá funcionar e desenvolver-se economicamente sem ele?»

(...) «Poderá o sistema capitalista prescindir do neocolonialismo (...)?

(...) *Por outras palavras trata-se de saber se o capitalismo conseguirá adaptar-se às condições de um mundo sem armas nucleares e desmilitarizado, às condições de uma nova ordem económica mundial justa, às condições de uma confrontação honesta dos valores espirituais de dois mundos.»*

Quem coloca estas questões desta forma, fá-lo porque já respondeu para si claramente «sim» a todas elas. Contudo, nesta altura, Gorbatchov ainda não pode afirmá-lo directamente. Por isso responde:

«A vida dará as respostas.»

Mas logo de seguida confessa que a sua política se baseia numa resposta positiva às questões acima colocadas:

«Assim, o que esperamos nós, sabendo que teremos de construir um mundo mais seguro em conjunto com os países capitalistas?»

Portanto, aí está: *não se pode conquistar o mundo seguro* contra o imperialismo, é preciso «construí-lo com ele»! No final de uma interpretação arbitrária de exemplos escolhidos também arbitrariamente, Gorbatchov chega à conclusão desejada de que as contradições imperialistas «se deixam modificar».

«(...) A situação não é irresolúvel (...)» estamos perante *«uma escolha histórica, que é ditada pelas leis de um mundo integral e em grande parte interligado.»*

As *«leis de um mundo integral»* que obrigam o capitalismo à coexistência pacífica com o socialismo, sob pena do declínio:

«Ou o colapso ou a busca conjunta de uma nova ordem económica, na qual os interesses destes ou daqueles ou de terceiros sejam tidos em conta numa base de igualdade de direitos. A via para a instauração de uma tal ordem parece agora dividir-se» – esta é a *«feliz mensagem»* que o *«novo pensador»* Gorbatchov anuncia à humanidade agitada com os receios de uma guerra atómica. *«Novo pensamento»?* Antiquíssimo, superficialidade social-democrata pacifista que só serve para uma coisa: levar as pessoas à passividade política na fé de que *«os de lá de cima»* tratarão do assunto!

Para se compreender completamente que peça de sedução foi representada neste aniversário por Gorbatchov, é preciso saber avaliar correctamente a mudança rápida da prédica da cooperação entre sistemas para os conhecidos tons inspiradores de confiança na luta de classes, e isto só se pode fazer sem dificuldade confrontando esta declaração de fidelidade à luta de classes com as opiniões posteriores documentadas do nosso *«salvador da paz»*.

«O PCUS não duvida do futuro do movimento comunista – portador da alternativa ao capitalismo, movimento dos mais audazes e consequentes combatentes pela paz, pela independência e progresso dos seus países, pela amizade entre os povos da Terra (...)»

«O reforço da amizade e o desenvolvimento por todos os meios da cooperação com os países socialistas é a principal prioridade da política internacional da União Soviética! (...)»

«Como será o mundo quando atravessar o marco secular da nossa revolução, como será o socialismo, que grau de maturidade terá alcançado a comunidade mundial (!) de estados e povos? (...)»

«Em Outubro de 1917 deixámos para trás de nós o velho mundo, rejeitando-o irrevogavelmente. Avançamos para um mundo novo, o mundo do comunismo. Não nos desviaremos nunca deste caminho!»

III A terceira casca:

A ruptura pública com o leninismo na política externa – naturalmente para «salvar a paz» (ND de 08.12.1988)⁶

Em Outubro de 1988, Gorbatchov substituiu Gromiko, assumindo também o cargo de Presidente do *Presidium* do Soviete Supremo. A 7 de Dezembro de 1988 discursou perante a assembleia da ONU em Nova Iorque e reforçou aí a ruptura com a concepção leninista da coexistência pacífica, que o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Chevardnadze, tinha anunciado, algumas semanas antes no mesmo local, na 43^a Assembleia Geral da ONU, com as seguintes palavras:

«A direcção da União Soviética esforçou-se por impregnar de sentido a ideia de interdependência entre a moderação de classe (!) e a universalidade humana, ideia desde o início ancorada no marxismo, dando prioridade aos interesses comuns de todos os povos.

«Vemos a coexistência pacífica como princípio universal nas relações entre os estados e não como uma forma especial da luta de classes.»

O discurso de Gorbatchov glosa esta constatação e envolve-se de uma coroa de justificações, que se baseiam todas na premissa de que a União Soviética e os comunistas estavam agora confrontados com um imperialismo melhorado, convertido de monstro devorador de seres humanos em manso cordeiro vegetariano, que já tinha enterrado o seu objectivo de erradicar o socialismo da face da Terra. Prestava assim especial homenagem ao chefe do imperialismo mais forte e sem escrúpulos, o dos EUA. Podemos, portanto, ler aí coisas sobre as quais hoje muitos se perguntam: como pude eu, marxista qualificado, ver em tais palavras uma análise séria da situação!

«A economia mundial está a tornar-se um organismo único, à margem do qual nenhum Estado poderá desenvolver-se normalmente...»

Na verdade, a *realidade* teria de ser assim descrita: «A economia mundial está em vias de ser pressionada num organismo único, dentro do qual nenhum Estado se poderá desenvolver normalmente.»

No entanto, Gorbatchov continua:

«Seria ingénuo acreditar que os problemas que atormentam hoje a humanidade podem ser resolvidos através de meios e métodos que antes se utilizaram ou eram considerados adequados. (...) Esta experiência (acumulada até agora pela humanidade, KG) resultou de uma prática e de uma configuração do mundo, que já pertencem ou pertencerão ao passado.»

Que ninguém acredite que se têm em vista principalmente as práticas do imperialismo! Não, trata-se principalmente da experiência da revolução como caminho para a solução dos problemas sociais.

«Mas hoje, perante nós, surge um outro mundo, para o qual é preciso procurar outros caminhos no futuro (...)

«Hoje entrámos numa época em que na base do progresso assentarão os interesses universais da humanidade.

«A consciência disto exige que também a política mundial seja determinada pela prioridade dos valores humanos universais.»

Para o marxismo, o movimento operário representa os interesses gerais da humanidade porque os trabalhadores só se podem libertar da exploração libertando a humanidade da

⁶ As citações do discurso de M.S. Gorbatchov na 43^a Assembleia Geral da ONU, em 7 de Dezembro de 1988, foram cotejadas com o original em russo, disponível até recentemente em http://www.gorby.ru/rubrs.asp?art_id=21943&rubr_id=243&page=1. (N. Ed.)

exploração. Mas Gorbatchov prega-nos a comunhão de interesses entre trabalhadores, explorados do terceiro mundo e exploradores imperialistas.

«Trata-se de cooperação, que, com mais rigor, se deveria chamar “co-criação” e “co-desenvolvimento”».

«É evidente, por exemplo, que a violência e a ameaça de violência não podem nem devem ser instrumentos da política externa (...) A todos, mas aos mais fortes em primeiro lugar é exigido restrição voluntária e total exclusão da utilização da violência no exterior.»

Algumas pessoas admiraram-se que Gorbatchov, apesar desta condenação eloquente da utilização da violência, tenha todavia autorizado a intervenção das suas tropas na Lituânia e aberto o caminho aos americanos para a guerra do Golfo, ao dar instruções ao seu representante na ONU para não usar o direito de veto da União Soviética. Esta gente ainda não aprendeu a reconhecer o sentido escondido dos oráculos gorbachovianos: ao insistir na *«total exclusão da violência no exterior»*, Gorbatchov apenas estava uma vez mais a tornar claro que a União Soviética, *sob a sua direcção*, não mexeria um dedo nem colocaria nenhum soldado em acção no caso de nova tentativa de golpe contra-revolucionário num dos países socialistas. Se a exigência «global» fosse dirigida a todos, então a União Soviética teria usado o seu veto contra a guerra do Golfo, ou não?

«Uma exigência da nova etapa é a desideologização das relações entre os estados.»

Ele praticou esta «desideologização» de forma consequente: mais nenhuma palavra contra os «imperialistas», só propaganda da confiança para com eles, como se segue:

«Do nosso ponto de vista existem perspectivas bastante optimistas para o futuro próximo e mais distante. Vejam como se alteraram as nossas relações com os EUA. A pouco e pouco começou a formar-se uma compreensão mútua, surgiram elementos de confiança, sem os quais é muito difícil avançar na política.»

Pois então temos de perguntar quem avançou na política: a União Soviética credora de «confiança» ou os EUA, de forma nenhuma confiáveis (e também de forma nenhuma dignos de confiança!)? Trata-se, portanto, de frases gorbachovianas vazias de conteúdo, que conduzem ao engano!

«Todos têm de participar no movimento para uma maior unidade do mundo.»

Mas a quem é dirigido este apelo? Às potências liderantes imperialistas? Seria inútil: o seu objectivo era e mantém-se a unificação do mundo sob a sua direcção!

Então a quem? Só restam aqueles que não confiam nas boas intenções dos imperialistas, por exemplo um Honecker ou um Fidel Castro ou chefes de Estado no «Terceiro Mundo», que não se deixam «unificar» pelo Banco Mundial ou pelo FMI. Eis pois Gorbatchov como agente da propaganda do capital mundial! Difamação, deturpação deliberada das suas intenções? Vejam que é este homem hoje! Não é suficiente?

Gorbatchov sobre a ONU:

«Infelizmente, logo após a sua fundação ficou sob a pressão da “guerra fria”. Durante muitos anos transformou-se num campo de batalhas propagandísticas e de cultivo da confrontação política.»

Ninguém estranhou estas palavras, ninguém se lembrou das instruções de Lénine aos diplomatas soviéticos: utilizar todas as oportunidades, todos os fóruns para desmascarar as intrujices e a hipocrisia dos imperialistas para denunciar a sua brutalidade perante as classes e povos oprimidos?

É assim tão difícil de reconhecer, por trás destas palavras de Gorbatchov, o grande e vergonhoso salamaleque do representante da potência soviética aos imperialistas, o seu ultrajante pedido de desculpas pelo anterior comportamento «inconveniente» dos diplomatas soviéticos, que antes dele «infelizmente» não se atemorizavam em levar a luta de classes até aos salões abençoados em East River!?

Naturalmente que Gorbatchov sabia a estranheza, a indignação que o seu discurso provocaria em muitos comunistas na União Soviética e em todo o mundo. E se tivermos em atenção a sua sólida formação em marxismo-leninismo e o facto de possuir uma inteligência acima da média, então podemos também partir do princípio que ele próprio tinha consciência do carácter ilusório das suas esperanças imagens futuras de uma cooperação plena de confiança entre o imperialismo e o socialismo. É, portanto, compreensível a sua necessidade de combater desde logo o mais que justificado cepticismo perante a sua utópica «visão de paz»:

«Não haverá aqui um certo romantismo, um exagero das possibilidades e do amadurecimento da consciência social no mundo? Ouvimos este género de dúvidas e de perguntas tanto na nossa casa como de alguns parceiros ocidentais. Estou convencido de que não estamos desligados da realidade.

«No mundo já se formaram forças que, desta ou daquela maneira, incitam à entrada num período de paz...»

Quem à época se deixou embalar por este canto da sereia, porque correspondia ao seu desejo de evitar o amplamente pintado perigo da guerra nuclear, quem, portanto, substituiu a análise racional da realidade por ilusões, agora, depois de as bolas de sabão gorbatchovianas terem rebentado e o mundo se movimentar exactamente nas vias determinadas pelas leis descobertas por Marx e Lênine, e não pelas «novas [leis] objectivas» afirmadas por Gorbatchov, tem de reconhecer, no mínimo, que Gorbatchov cometeu um erro fatal.

E depois teria afinal de levantar-se uma questão: Quantas vezes Stáline foi declarado culpado e condenado por não ter acreditado nos avisos sobre a data exacta do assalto do exército fascista alemão, e assim – como se afirma levianamente – ter sacrificado absurdamente milhares ou centenas de milhares de soldados soviéticos? (quando se trata de ampliar o débito de Stáline, a escala para cima não tem fim).

Mas qual é então o peso do «erro» de Gorbatchov, um erro que não só é responsável por recuos, mas também por ter deitado a perder em vão os resultados de 70 anos de um Estado socialista, as vidas de todas as vítimas da revolução, da guerra civil e da II Guerra Mundial, um erro que provocou milhares de vítimas nas guerras entre os povos da ex-União Soviética, as vítimas da tragédia jugoslava e todos os que morrem no terceiro mundo porque já não existe o campo socialista?

Por que motivo o erro de um, que no entanto não impediu a maior vitória histórica do socialismo, é razão para a condenação eterna e porque é que o «erro» de outro, que teve como consequência a pior e mais sangrenta, nunca antes considerada possível, derrota do movimento operário e de todas as forças progressistas, nem sequer merece ser referido?

IV. A quarta casca da cebola: o ataque declarado às bases económicas do Estado soviético – a propriedade social dos meios de produção

Este ataque foi desferido principalmente num encontro de Gorbatchov com representantes dirigentes dos meios de comunicação de massas em 29 de Março de 1989 (ND de 1/2.04.1989).

Quem ler superficialmente este discurso, contestará resolutamente que nele seja feito um ataque declarado contra os fundamentos do socialismo, já que este texto é também um exemplo modelar da arte do engano e do logro, que Gorbatchov domina com mestria. Ele não é nenhum actor solitário. Examinou minuciosamente onde falhou o seu modelo e pai espiritual Khruchov. No seu discurso refere várias vezes que «nós» examinámos esta questão rigorosamente). Uma das razões é que reconheceu que Khruchov tinha cometido um grave erro táctico. Colocou-se sempre na liderança do «movimento reformador», e por isso

concentrou em si todos os ataques dos chamados «conservadores». Isto não aconteceria com Gorbatchov. Este actuou de forma mais inteligente: não estaria na linha da frente, mas sim seria o «mediador», aquele que mantém o partido unido contra os «extremos» de ambos os lados. Para representar o «centro», precisava de uma oposição nos dois lados opostos. Não tinha que se preocupar com a oposição da esquerda, aqueles que se opunham ao seu amolecedor rumo liberalizador. Só tinha de se esforçar para que nunca conseguissem ter do seu lado a maioria dos grémios decisórios. Isso seria mais fácil se tivesse uma oposição à direita, que na verdade pressionava na direcção por si desejada, mas com exigências que pareciam exageradas na respectiva situação, com um ultra-radicalismo perante o qual se podia apresentar como reconfortante reformador moderado e defensor do que existia, do que na consciência geral ainda era considerado intocável. Iéltsine assumiu com gosto este papel do «impulsionador». Ambos estavam de acordo, como o afirmaram muitas vezes, sobre o destino da viagem. O que na verdade não significava que Iéltsine se daria eternamente por satisfeito no papel atribuído pelo fogoso auto-controlado n.º 1, como Gorbatchov ainda viria a ter a experiência. Mas temporariamente a parelha funcionou excelentemente: Ligatchov criticava Gorbatchov pela esquerda, Iéltsine acusava-o de ser um «indeciso» e Gorbatchov repelia o primeiro asperamente como «conservador» e representante da «*nomenclatura*» anquilosada, interesseira e só preocupada com as suas sinecuras, mas simultaneamente assumia o papel perante Iéltsine de defensor resolutivo das posições socialistas, e aparecia assim como o homem, sem cuja acção equilibradora, o partido seria entregue à decadência.

Quando por exemplo Iéltsine exigia que se retirasse o artigo da Constituição no qual estava inscrito o papel dirigente do partido, então num primeiro momento Gorbatchov reagiu com um indignado: «Não, nunca!». Depois, o seu «Não» enfraqueceu: «Não, não nas actuais condições.» E depois, num curto espaço de tempo, aterrou na justificação da necessidade da abolição desse artigo. Assim também aconteceu com a reivindicação da abolição do sistema monopartidário e em muitos outros casos. Isto tornar-se-ia num ritual coordenado, funcionando fielmente, da *perestroika*.

Mas como no movimento operário e especialmente nos partidos comunistas, na geografia política, o termo «esquerda» está conotado positivamente e «direita» negativamente, não se podia manter que a oposição de esquerda fosse designada de esquerda e a pseudo oposição de direita, de direita. E assim, seguramente para espanto de muitos, no país e também fora da União Soviética, Iéltsine torna-se um «opositor de esquerda» e Ligatchov um de «direita». Pois não queria Ligatchov conservar o que existia? Era portanto «conservador» e assim, como todos os conservadores, de direita? E Iéltsine não era alguém que pressionava impetuosamente para a mudança, ou seja, um revolucionário, e assim, como todos os revolucionários, de esquerda? Viram!

E assim resulta o estranho espectáculo em que a «esquerda» na União Soviética são aqueles a quem batem palmas os que mandam e os seus *media* nas metrópoles do capital, enquanto os de «direita» têm uma péssima imprensa.

Naturalmente, esta inversão dos conceitos «esquerda» e «direita» não se operou sem a contribuição de Gorbatchov. A ele cabe a responsabilidade principal na retirada da etiqueta estigmatizante «direita» aos «reformadores radicais» e na sua colagem aos seus verdadeiros opositores, a verdadeira esquerda, os defensores do socialismo.

Só quem conhece esta encenação da mascarada política moscovita, é capaz de descodificar os discursos de Gorbatchov.

Vejamos agora a directiva que Gorbatchov dá ao pessoal dos meios de comunicação:

«Partimos do princípio de que a perestroika não ganha força e não avança sem a resolução do problema alimentar e sem o aperfeiçoamento de uma política agrícola moderna (!). Na verdade estávamos simultaneamente conscientes de que também no sector

agrícola não era possível contar com mudanças profundas, se elas não fossem acompanhadas por profundas mudanças no conjunto da sociedade.»

«Justamente esta perspectiva objectiva da situação tornou necessária a reforma económica radical. Justamente por isso necessitávamos também de uma reforma política.»

«Os bens alimentares são o problema fundamental da nossa realidade. Se o conseguirmos resolver, isso é um ganho colossal não só na economia, mas também na área social e ao nível político. Se não resolvermos este problema, digamo-lo abertamente, podemos interromper a perestroika, e seguir-se-á uma séria desestabilização da sociedade.»

A *perestroika* não foi interrompida. Por isso, a já iniciada desestabilização da sociedade continuou.

Naturalmente que o problema alimentar era, na verdade, muito importante, mas *não* era o *problema fundamental* da realidade soviética. O problema fundamental era a irrupção das forças anti-socialistas, nacionalistas, monárquicas e anti-semitas, incentivadas através dos ataques cada vez mais fortes dos *media* ao partido e ao aparelho de Estado. O problema fundamental na União Soviética era a ameaça ao socialismo, e assim em todos os países socialistas europeus.

As propostas que Gorbatchov apresentou aos representantes dos *media* eram de tal forma que esta ameaça só poderia ter um enorme aumento.

«Tem um significado fundamental que, pela primeira vez desde há muitos anos, um plenário [do CC] tenha colocado no núcleo da solução dos problemas económicos uma mudança radical nas relações de propriedade e de produção no país e uma mudança essencial nos métodos de direcção. (...) Tenho consciência de que se trata de uma transformação fundamental da nossa orientação quer no desenvolvimento do sector agrícola, quer na economia em geral.

«Por isso os resultados deste plenário, as suas consequências políticas e objectivos vão muito para além da questão agrícola, e têm um significado teórico, político e económico fundamental.»

«O sector agrícola assumirá o papel precursor, pioneiro na introdução das correspondentes formas de economia e de direcção. (...)»

«Se os meios de comunicação não fizerem um esforço real e o povo não compreender as medidas aqui propostas, dificilmente as coisas avançarão (...).

«Naturalmente que aqui chocam diferentes interessantes (...).»

E que resoluções foram tomadas para alcançar uma agricultura «moderna»? Não se acredita, mas é verdade: a reanimação da pequena agricultura familiar, a mais improdutivo, aquela que, principalmente para as mulheres, é a mais escravizadora forma de economia agrícola! Isto é tão monstruoso que ele não tem coragem para apresentar a essência da coisa de forma clara, sem cosmética, fazendo intermináveis rodeios antes de indiciar o que se trata.

«O plenário aprovou a libertação do enorme potencial dos kolkhozes e dos sovkhozes através da sua reestruturação interna mediante o arrendamento e a fundação de cooperativas. Mas o plenário também aprovou o apoio às empresas agrícolas e combinados agrícolas, à economia camponesa, à agricultura individual, aos contratos de arrendamento não só nos kolkhozes e sovkhozes, mas também fora deles (...).

«Dito de outra forma, camaradas, nada de dogmatismos mas sim o máximo de apoio a tudo o que reforce a independência, a sensação de ser dono da propriedade.»

Quem nessa altura, ao ler estas afirmações, não quis ainda acreditar que estas «reformas» apontavam para a eliminação da propriedade social, para o regresso à agricultura privada, e assim para a formação de uma nova classe de kulaques, que condenaria a massa dos

camponeses a uma existência de miséria, então o desenvolvimento posterior deve tê-lo convencido de que foi vítima de uma avaliação errada ditada pela boa fé.

A passagem seguinte do seu discurso mostra que a clique de Gorbatchov estava decidida a afastar, por todos os meios, qualquer resistência a esta política de restauração. Mas inicialmente isso foi tentado através da difamação moral de todos aqueles que se opunham a esta política e defendiam as formas socialistas, sociais, de produção:

«Muitos dirigentes e técnicos dos kolkhozes e sovkhoses ainda têm profundamente interiorizado o método administrativo. Por isso discordam do arrendamento.» (O arrendamento refere-se às empresas agrícolas familiares, que acabavam de ser autorizadas e eram propagandeadas por Gorbatchov nos meios de comunicação e seriam criadas nas terras que os *kolkhozes* e *sovkhoses* eram obrigados a ceder.)

«Querem dar ordens, distribuir tarefas, comandar, para manter as pessoas na sua dependência. Mas o arrendamento significa uma relação entre parceiros, obrigações mútuas e não ingerência. Isto é autonomia (...).»

É importante relembrar mais uma vez, no final deste ponto, que Gorbatchov afirmou claramente que atribuía à agricultura um papel pioneiro na introdução de novas formas de propriedade e de economia. Isto foi uma indicação suficientemente clara da direcção que seria dada à chamada «reforma económica» em todos os outros ramos da economia.

V. Quinta casca: A renúncia pública ao internacionalismo socialista através da propagação da «Casa Comum Europeia» (ND de 07.07.1989)

Gorbatchov há muito que tinha desistido do internacionalismo socialista na teoria e na prática, embora, de vez em quando, ainda o jurasse nos seus discursos.

O seu discurso na ONU também já tinha esclarecido que o seu objectivo mais importante na política externa era o entendimento caloroso com os líderes dos estados imperialistas, principalmente com os EUA. Apesar de a situação da «comunidade» dos países socialistas ser deplorável, tal nunca o levou a fazer propostas construtivas para uma cooperação verdadeiramente efectiva entre os estados socialistas. Também nunca descobriu a fórmula da «casa comum *socialista*» porque esta casa, que se encontrava em decadência, a precisar de obras, nunca lhe fez passar – como a muitos simples comunistas! – noites em claro. O que ocupava continuamente os seus pensamentos, e finalmente o levou a cunhar a fórmula «casa comum europeia», foi a questão de como podia tornar familiar e atractiva à sua gente no país a linha da cooperação «confiante» com o imperialismo. A melhor forma era obter êxitos visíveis na sua «política de desanuviamento». Na verdade isso não foi fácil. Embora a senhora Thatcher e o presidente Reagan, primeiro, e depois Bush não duvidassem da seriedade da política de Gorbatchov e lhe desejassem constantemente muitos êxitos para a sua *perestroika*, duvidaram no entanto, durante muito tempo, de que ele estivesse em condições de ultrapassar as resistências internas e fazer de facto com que o partido dos bolcheviques desse um duradouro apoio a este empreendimento deveras perigoso e sem exemplo. Por isso, durante muito tempo, não estiveram disponíveis para retribuir os inúmeros passos unilaterais de desarmamento de Gorbatchov com medidas correspondentes ou a assinatura de um tratado de desarmamento. Só quando se convenceram de que não havia quase perigo de as forças «conservadoras» o derrubarem, abdicaram, não totalmente mas em alguns aspectos, do seu comportamento reservado.

Foi assim que, como recompensa pela sua acção tão abençoada para o Ocidente, lhe foi atribuída a honra de poder discursar perante o Conselho da Europa em Estrasburgo. Neste discurso, Gorbatchov apresenta o seu conceito da «casa comum europeia» e traça – como já

[tinha feito] na ONU – uma imagem pintada com as mais lindas cores da Europa no futuro, pacífica, sem armas nucleares e cooperando harmoniosamente. (ND de 07.07.1989)⁷

Gorbatchov fala novamente da «construção de um novo mundo», da «comunidade mundial», que se encontra «num ponto de mudança do seu destino», da «nova etapa da história mundial».

«A ideia da unidade europeia deve ser novamente examinada e concertada por todas as nações (...) Ora, a dificuldade apresenta-se (...) [na] ideia largamente difundida (uma tomada de posição política, mesmo), segundo a qual ultrapassar a divisão da Europa significa vencer o socialismo.

«Esta política está no mínimo orientada para a confrontação (...).

A existência nos estados europeus de sistemas sociais diferentes é uma realidade. O reconhecimento destes facto histórico (...) [constitui] uma premissa primordial de um processo europeu normal.»

Até aqui tudo bem. Mas na frase seguinte, Gorbatchov consola os seus ouvintes: a situação existente pode ser alterada.

«A organização social e política dos diferentes países sofreu no passado modificações, e este processo pode continuar.»

Dadas as mudanças que já tinham sido introduzidas na URSS, estas palavras só podiam soar a quem as ouviu como uma promessa.

«Contudo, a decisão e a escolha cabem aos povos. Qualquer ingerência nos assuntos internos, qualquer tentativa de limitar a soberania dos estados, venha ela de amigos e aliados ou de qualquer outro Estado, são inadmissíveis.»

Isto foi, uma vez mais, uma garantia insistente dirigida ao Ocidente de que, da parte da União Soviética, nenhum aliado seria impedido, por exemplo, de sair do Pacto de Varsóvia e se transferir para o outro campo, como Imre Nagy tentara em 1956, e pretendiam de novo poderosas forças que chegavam até aos círculos do poder na Hungria e na Polónia.

Esta garantia era tão importante para ele, que a deu logo duas vezes:

«A concepção filosófica da casa comum europeia exclui a possibilidade de uma confrontação militar, a possibilidade de recurso à força militar por parte de uma aliança contra outra, no interior das alianças, onde quer que seja.»

Gorbatchov aparece já aqui como advogado dos interesses americanos, dando um passo no caminho que o conduziu à guerra do Golfo de 1990/91 e à sua humilhação como ajudante de xerife dos EUA:

«As realidades actuais e as perspectivas para um futuro previsível são evidentes: a URSS e os EUA são componentes naturais da estrutura internacional e política europeia.»

As suas palavras devem ter infundido confiança em todos os que, no Parlamento de Estrasburgo, levantaram dúvidas sobre a capacidade de Gorbatchov se manter no poder e conduzir as suas reformas até ao fim desejado:

«A perestroika transforma o nosso país, transportando-o para novas fronteiras. Este processo aprofundar-se-á, transformando a sociedade soviética em todos os aspectos: nos domínios económico, social, político, moral, em todos os assuntos internos e nas relações entre as pessoas.

«Encetámos este caminho de uma maneira firme e determinada.»

⁷ As citações do discurso de M.S. Gorbatchov perante o Conselho da Europa foram cotejadas com a versão em francês (www.ena.lu/discours_mikhail_gorbatchev_conseil_europe_strasbourg_juillet_1989-010003958.html) e com a tradução portuguesa de extractos incluídos no livro *50 Anos de Europa, os grandes textos da construção europeia*, 2.^a edição revista e aumentada, publicação do Gabinete em Portugal do Parlamento Europeu, Novembro de 2010, pp. 202-205. (N. Ed.)

Certamente que a «*maneira firme e determinada*» foi ouvida com especial alegria em Estrasburgo. E hoje constatarão: Gorbatchov não lhes prometeu demasiado!

VI. A sexta casca da cebola: a recusa da Revolução de Outubro na aparência de uma declaração em sua defesa

A 26 de Novembro de 1989 foi publicado no *Pravda* um artigo de duas páginas de Gorbatchov com o significativo título. «A ideia socialista e a transformação revolucionária» (ND de 28.11.1989)

Significativo porque já não se fala mais de «socialismo», mas tão só da «ideia socialista» – um sinal característico dos revisionistas e do revisionismo: a sua mais profunda convicção é de que, na verdade, «não é possível fazer» o socialismo, mas a conversa sobre a «ideia socialista» e a «visão socialista» não pode parar.

Este artigo de Gorbatchov é também, na verdade, um «Manifesto do Revisionismo». Valeria a pena comprová-lo em muitas passagens. Felizmente isso não é necessário porque neste «manifesto revisionista» há uma passagem que contém o revisionismo *in nuce*, pelo que é suficiente citar esta passagem para saber que espécie de pessoa é o autor.

Na mencionada passagem, Gorbatchov afirma que, para ele, a *república democrático-burguesa* é o objectivo desejável da organização social, e não o socialismo.

Mas naturalmente que o secretário-geral do PCUS não podia escrever de forma directa esta «pura» declaração contra-revolucionária. Deve ter-lhe custado – e provavelmente também a alguns dos seus conselheiros – algum tempo e acrobacia de espírito até que lhe veio a ideia genial de envolver a *recusa do socialismo* na forma de uma *declaração pela Revolução de Outubro*; ou seja, uma formulação de que se podia ter a certeza que seria *correctamente* compreendida pela «sua» gente e, pelo contrário, *mal* compreendida no sentido desejado pelos de boa fé. A formulação é a seguinte:

«*Quanto mais avançamos para a essência da nossa própria história, mais evidente se torna hoje que a Revolução de Outubro não foi nenhum erro, já que a alternativa real a ela não era de forma nenhuma uma república democrático-burguesa, como alguns hoje nos procuram convencer, mas sim um golpe anarquista e uma ditadura militar sangrenta, a constituição de um regime reaccionário, inimigo do povo.*»

Quem sabe ler e domina as mais elementares regras da lógica, não pode negar que este texto significa:

«A Revolução de Outubro teria sido um erro, se tivesse existido uma alternativa real: a república democrático-burguesa.»

Mas como Gorbatchov sabe tão bem e melhor do que cada «simples» comunista,

– a Revolução de Outubro foi conduzida contra um governo democrático-burguês existente, nomeadamente do russo Kérenski & Co. (O golpe de Kornílov já tinha fracassado);

– Lénine, ao contrário de Gorbatchov, via na democracia burguesa a ditadura da burguesia, que tinha de ser derrubada para erigir a ditadura do proletariado.

Deste modo, a formulação de Gorbatchov significa realmente:

«*Como a Revolução de Outubro foi conduzida contra um governo democrático-burguês, foi um erro.*»

De quem assim pensa, que a democracia burguesa é mais importante do que a revolução socialista – e ninguém pode negar que isto é exactamente o núcleo do parágrafo citado! – é de esperar que use o poder, caso lhe seja entregue, para corrigir o «erro» e iniciar uma *perestroika*, a transformação da ordem anticapitalista existente numa ordem burguesa.

Depois de uma afirmação como a citada, não podem existir dúvidas entre marxistas conhecedores de que:

- Gorbatchov, o secretário-geral do PCUS, não é comunista, mas sim um liberal burguês, na melhor das hipóteses um social-democrata;
- um partido, com um tal homem na liderança, deixou de ser comunista, deixou de ser o partido de Lénine;
- um país, cujo chefe de Estado é anticomunista e dirige o poder contra os comunistas no país, deixa de ser socialista e é um país a caminho da restauração capitalista;
- ninguém precisa de se admirar que este homem tivesse a simpatia e a gratidão dos chefes do imperialismo e o autorizassem a demonstrar uma afectuosa amizade íntima.

VII. Quase no núcleo da cebola: satisfação com o alcance do objectivo e recompensa merecida

Em Outubro de 1990, o Comité do Prémio Nobel decidiu atribuir o Prémio Nobel da Paz a Mikhail Gorbatchov. Também havia um outro candidato na lista: Nelson Mandela.

O Comité manteve-se fiel à sua tradição de distinguir preferencialmente com o Prémio Nobel da Paz personalidades que tivessem obtido méritos na luta contra o socialismo; para só referir dois dos últimos: Sákharov e Walesa.

O Comité justificou a sua decisão justamente, Gorbatchov prestou «muitas e decisivas contribuições para a transformação da Europa de Leste».

O presidente do Comité também esclareceu um outro aspecto da atribuição: com este prémio a já muito abalada autoridade de Gorbatchov no seu país devia ser reforçada. «*Esperamos*», disse Giske Andersen, o presidente, «*que o prémio reforce a sua capacidade de acção para colaborar na criação de uma nova ordem mundial.*»

Talvez ele o tenha feito realmente. De qualquer maneira, Gorbatchov já tinha colaborado fortemente na criação de uma «nova ordem mundial» ao apoiar a guerra do Golfo.

Não lhe foi possível participar pessoalmente na entrega do prémio. Por isso mandou por escrito o seu agradecimento. Aí constata, cheio de satisfação, que o ano de 1990 marca «*o fim da divisão contranatura da Europa*».

De novo: nenhum verdadeiro comunista considerou nunca «contranatura» a existência de estados socialistas na Europa ao lado de [estados] capitalistas, tão pouco nos séculos XVIII e XIX os democratas consideraram «contranatura» a existência na Europa de estados burgueses ao lado de estados feudais. Pelo contrário: o aparecimento de estados socialistas foi a consequência *natural* do desenvolvimento do capitalismo, como o capitalismo foi consequência natural do desenvolvimento da produção de mercadorias no feudalismo.

Mas: a satisfação de Gorbatchov sobre o fim da divisão da Europa, através do desaparecimento do socialismo não é – como resulta claramente de tudo o que foi citado – uma mudança brusca de sentido, mas sim a alegria «natural» de um homem que trabalhou com todas as suas forças para este resultado e atingiu finalmente a meta dos seus esforços.

E assim não foi também nenhum «deslize» ou um «Gorbatchov completamente novo», mas sim exactamente o que já era em 1985, quando no dia da dissolução da URSS, através da denúncia do Tratado da União de 1922, a 12 de Dezembro de 1991, anunciou aos jornalistas: «*A coisa mais importante da minha vida cumpriu-se. Fiz tudo o que pude.*»

Ninguém o pode contestar! Teve mais êxito na destruição do socialismo do que todos os seus inimigos declarados, de Churchill a Hitler.

Mas com isto ainda não estamos no núcleo da cebola!

Só se libertou do último invólucro e ficou completamente a nu na [entrevista à] *Spiegel*.

VIII. «É este então o núcleo da cebola: um social-democrata!»

A quem, comunista ou socialista, que ainda não tenha ultrapassado a sua «gorbimania», tem de se lhe receitar a entrevista da *Spiegel* como terapia. (*Spiegel* de 18.01.1993).

Seguem-se aqui só alguns excertos dos mais significativos. Por agora uma confissão muito importante:

«O que quer que hoje aconteça [na ex-União Soviética] tem a ver com o que iniciei em 1985. A era Gorbatchov não está no fim, ela inicia-se agora a sério.»

Ou seja: ele não é nenhum derrotado, nenhum naufrago, mas alguém que alcançou as condições para que a sua era pudesse iniciar-se a sério!

«*Spiegel* – Para uns era muito lento, para outros tudo era demasiado radical.

Gorbatchov – E Gorbatchov teve de timonar o navio da *perestroika* através dos recifes. Nessa altura ainda não era possível anunciar ao povo as coisas para as quais o povo ainda não estava preparado. (...) Tinha de se mostrar paciência, até a burocracia do partido já estar tão sem poder, que não podia mais fazer recuar (!) a roda da História (!).

Spiegel – Mikhail Sergueievitch, já não é comunista?

Gorbatchov – Se considerar as minhas afirmações, então será claro para si que as minhas simpatias políticas pertencem à social-democracia e à ideia de um Estado social do género do da República Federal da Alemanha.

O que aqui se demonstra com esta crónica, Gorbatchov confirma-o na «*Spiegel*»: é completamente errada a opinião daqueles que acreditam que Gorbatchov queria melhorar o socialismo, mas que não tinha a concepção correcta ou não tinha mesmo nenhuma. Ele *tinha* uma concepção e essa perseguiu-a conseqüentemente e concretizou-a *com êxito*; só que não era nenhuma concepção para a construção do socialismo, mas sim de desmantelamento do socialismo.

Na verdade só o conseguiu porque, através do trabalho anterior de Khruchov, o movimento comunista na União Soviética e internacional já se encontrava tão profundamente no atoleiro do revisionismo, e já estava ideologicamente tão desarmado e «desleninizado», que só poucos leram nas afirmações de Gorbatchov o que elas continham de contra-revolução.

Como é que se pôde chegar aí – esta é na verdade a mais importante, mas uma nova questão. Mas só pode ser correctamente respondida por quem estiver curado da «gorbimania».

IX. O âmago do núcleo: ajudante solícito do Ocidente

No Outono de 1999, M. Gorbatchov fez um discurso interessante, em Ankara, na Universidade Técnica do Médio Oriente (ODTÜ). Mas, apesar de ter sido publicado nas revistas *Pravda Rossií*, na Rússia, *Usvit*, na República Eslovaca (n.º 24/1999), *Dialog*, na República Checa (n.º 146/Outubro 1999), *UZ* do DKP (08.09.2000) e *Die Rote Fahne* do KPD, talvez não tenha merecido atenção suficiente:

«O objectivo da minha vida era a eliminação do comunismo, uma ditadura insuportável sobre o povo. A minha mulher, que tinha compreendido esta necessidade mesmo antes de mim, apoiou-me inteiramente. Foi justamente para o alcance deste objectivo que me servi da minha posição no partido e no país. Precisamente por isso, a minha mulher incentivava-me constantemente para que ocupasse sucessivamente posições cada vez mais altas no país.

Quando conheci pessoalmente o Ocidente, percebi que não podia renunciar ao objectivo definido. E, para ser alcançado, precisava de substituir toda a direcção do PCUS e da URSS, bem como a direcção em todos os países socialistas. O meu ideal nessa altura era a via dos países sociais-democratas. A economia planificada não permitia realizar o potencial que possuíam os povos do campo socialista. Só a passagem para a economia de mercado podia proporcionar possibilidades aos nossos países de se desenvolverem com dinamismo. Consegui encontrar correligionários para a concretização destes objectivos. Entre eles ocupam um lugar especial A.N. Iákovlev e E.A. Chevardnadze, cujos serviços à nossa causa comum são inestimáveis.

O mundo sem comunismo terá melhor aspecto. A partir do ano 2000 começará uma era de paz e de prosperidade universal. Mas ainda existe uma força no mundo que irá entrar o nosso avanço para a paz e edificação. Refiro-me à China.

Visitei a China durante as grandes manifestações estudantis [1989], quando parecia que o comunismo se estava a desmoronar na China. Tencionava dirigir-me aos estudantes naquela enorme praça, manifestar a minha simpatia e apoio, e convencê-los de que teriam de continuar a sua luta para que a perestroika começasse no seu país. A direcção chinesa não apoiou o movimento estudantil, reprimiu cruelmente a manifestação e... cometeu um grande erro. Se o comunismo tivesse acabado na China, o mundo poderia caminhar mais facilmente pela via da concórdia e da justiça.

A minha intenção era conservar a URSS com as fronteiras então existentes, mas com um outro nome que reflectisse a essência das transformações democráticas. Não o consegui. Iéltsine tinha uma terrível ambição de poder, mas não tinha a menor ideia sobre o que representava um Estado democrático. Foi ele quem demoliu a URSS, o que provocou o caos político e todas as consequentes dificuldades que são hoje vividas pelos povos das antigas repúblicas da União Soviética.

A Rússia não pode ser uma grande potência sem a Ucrânia, o Cazaquistão e as repúblicas do Cáucaso. Mas estes já seguiram o seu próprio caminho e não faz sentido uma unificação mecânica, uma vez que isso conduziria a um caos constitucional. Os estados independentes podem unir-se unicamente na base de ideias políticas, da economia de mercado, da democracia, de direitos iguais de todos os povos.

Quando Iéltsine destruiu a URSS, eu deixei o Krémim, e alguns jornalistas supuseram que eu choraria. Mas não chorei porque pus fim ao comunismo na Europa. Mas também é preciso acabar com ele na Ásia, uma vez que constitui o principal obstáculo no caminho da realização pela humanidade dos ideais da paz e concórdia universal.

A desagregação da URSS não trouxe qualquer vantagem para os EUA. Agora estes não têm um parceiro no mundo à altura, o qual só poderia ter sido uma URSS democrática (e para se manter a sigla anterior SSSR [Soiuz Soviétskikh Sotsialistícheskikh Respúblik] poder-se-ia designá-la como Soiuz Svobódnikh Suverennikh Republik [União das Repúblicas Soberanas Livres]). Mas não o consegui fazer. Na ausência de um parceiro igual em direitos, os EUA podem, naturalmente, ter a tentação de se apropriar do papel de único líder mundial, que não precisa de ter em conta os interesses dos outros (em particular dos pequenos estados). Este erro encerra muitos perigos tanto para os EUA como para todo o mundo. O caminho dos povos para a verdadeira liberdade é difícil e longo, mas terá obrigatoriamente êxito. Mas para isso o mundo inteiro tem de se libertar do comunismo.»⁸

⁸ Tradução do russo a partir do texto publicado no jornal russo *Soviétskaia Rossiá*, 17.08.2000, que cita como fonte o jornal eslovaco *USVIT*, n.º 24 de 1999. (<http://www.sovross.ru/modules.php?name=News&file=article&sid=58241>). (N. Ed.)

Porquê este regresso à «cebola Gorbatchov»?

Observações introdutórias à sua nova publicação

(15.03.06)⁹

Kurt Gossweiler

Terão todos os comunistas e socialistas despachado Mikhail Gorbatchov para o caixote do lixo da história – lugar a que esta gente pertence – depois da publicação da sua entrevista na *Spiegel*, em Janeiro de 1993 (cf. «A cebola», ponto VIII), ou o mais tardar após a publicação do seu discurso em Ankara, em Outubro de 1999 (cf. ponto IX), no jornal do *DKP Unsere Zeit*, de 8 de Setembro de 2000?

Estava absolutamente convencido de que sim, mas, como para meu imenso espanto tive de constatar – isso foi um erro. O meu espanto foi imenso porquanto foi-me provocado por um jornal e um texto de um dos seus colaboradores, de quem nunca esperaria tal coisa. Trata-se do único jornal consequentemente anti-imperialista da Alemanha, o *Junge Welt*, e do seu colaborador Werner Pirker, com cujos artigos concordei quase sempre até agora.

Precisamente no 50.º aniversário do XX Congresso do PCUS, em Fevereiro de 1956, que encheu de esperança os inimigos da União Soviética e do socialismo, e lançou o movimento comunista numa crise cada vez mais profunda, e no 20.º aniversário do XXVII Congresso do PCUS, em Fevereiro de 1986, que impulsionou a crise final da União Soviética e dos seus aliados europeus, o *Junge Welt* surgiu em várias edições com artigos de Werner Pirker de apreço destes congressos e dos seus organizadores Khruchov e Gorbatchov.

Aqui só falaremos de Gorbatchov. A incompreensível defesa da honra de Gorbatchov nos artigos de Pirker, publicados no *Junge Welt*, de 28 de Fevereiro e 1 de Março do corrente ano, não pode ficar sem réplica em nome da verdade histórica.

No primeiro artigo sobre o XXVII Congresso – *Junge Welt* de 28 de Fevereiro – Pirker assume logo no início a tese através da qual todas as acusações de traição são eliminadas: «O PCUS não foi liquidado pelo ataque de forças inimigas, mas sim vítima de si próprio.»

Gorbatchov afirmara abertamente no seu discurso em Ankara: «O objectivo da minha vida era eliminar o comunismo.»

Pirker sabe isto e muito mais. Ensina-nos sobre a atitude de Gorbatchov no XXVII Congresso: «Mikhail Gorbatchov nem sequer tentou confrontar os delegados com um programa radicalmente novo. Teria sido porque não tinha a coragem que Khruchov demonstrou em 1956? Ou porque ele – perestroika para cá, glasnost para lá – queria deixar os delegados na incerteza sobre as suas verdadeiras intenções? **O mais provável é a suposição de que ele próprio não sabia que destino teria a viagem.**» (Sublinhados meus, KG)

Gorbatchov – di-lo Pirker – é na verdade uma vítima do «modelo de socialismo burocrático»: «Os problemas do modelo do socialismo burocrático estavam à vista no início da era Gorbatchov e, na verdade, já se tinham tornado irresistíveis (...) No seu espartilho burocrático, o socialismo não conseguiu criar nenhuma opinião pública democrática adequada. Ao conservadorismo estrutural correspondia a inércia social das massas.»

Por conseguinte, segundo Pirker, foi a inércia das massas que impediu Gorbatchov de fazer o necessário!

⁹ Original em <http://www.kurt-gossweiler.de/artikel/browder.htm> (N. Ed.)

Na verdade, o que impediu Gorbatchov de realizar de imediato as suas intenções não foi «a inércia social das massas», mas sim o seu receio da resistência das massas contra o desmantelamento da ordem socialista.

Na sua entrevista à *Spiegel*, Gorbatchov revelou como escarneceu das massas e as enganou deliberadamente sobre as suas verdadeiras intenções: O jornalista da *Spiegel* comentou sobre o desenrolar da *perestroika*: «*Para uns era muito lento, para outros tudo era demasiado radical.*

«*Gorbatchov – E Gorbatchov teve de timonar o navio da perestroika através dos recifes. Nessa altura ainda não era possível anunciar ao povo as coisas para as quais o povo ainda não estava preparado.* (Sublinhado meu, KG)

Pirker inicia o seu comentário sobre a «inércia das massas» com a seguinte observação:

«*Nesta perspectiva, a reflexão de romper as condições através de um novo sistema de abertura social era apropriada à situação. No seu relatório ao partido, Gorbatchov disse que sem “glasnost não há nem pode haver democracia (...) A glasnost é necessária no centro, mas também ou talvez até ainda mais na base, lá onde as pessoas vivem e trabalham”.*

Isto ainda expressava uma ideia de democracia que só se pode desenvolver na base de relações de produção e de propriedade socialistas. E uma ideia de abertura que não tem como modelo o parlamentarismo burguês, mas aponta para um amplo debate social, revela evoluções erradas, repele a mentalidade submissa, activa formas de controlo popular e assim liberta o potencial criativo das bases. Nisto consistia a filosofia inicial da perestroika, que se expressava no lema “Mais democracia, mais socialismo”.»

Nesta altura, Pirker deve ter receado estar a abusar do leitor com este elogio a Gorbatchov, apresentando-o como um modelo de democrata socialista, já que relativiza com a frase seguinte: «*Pelo menos assim parece.*»

Depois de Pirker nos ter mostrado que afinal Gorbatchov se encontrava no caminho certo para a verdadeira democracia socialista, não poderia deixar de explicar por que razão, contudo, «*falhou*».

Para isso alega características pessoais de Gorbatchov: «*A sua escassa ligação ao povo e a sua arrogância social.*» Essas são as razões por que «*nunca atingiu grande popularidade*» – aspecto de que nós temos outras recordações entre os anos 1985 e 1987! – e isso também preparou «*as bases para a ascensão do seu grande rival Boris Nikoláievitch Iélt sine.*»

Também isto é um espantoso erro de avaliação: onde Pirker só vê rivalidade, houve na realidade, nos primeiros anos, inteira concordância entre Gorbatchov e Iélt sine sobre a meta e um acordo sobre a divisão de tarefas, como descrevi no ponto IV da «Cebola»: Gorbatchov desempenhava o papel de defensor do rumo moderado correcto contra a oposição de esquerda e de direita, Iélt sine desempenhava o papel do opositor que pressiona na direcção de reformas muito mais amplas, mas era apenas o precursor no caminho para o objectivo de ambos – a restauração do capitalismo na União Soviética.

Porém, isto não era alcançável por caminhos directos, sem o embuste de combates ensaiados a propósito do rumo a tomar.

Entre Gorbatchov e Iélt sine só houve concorrência, e só podia haver, depois de a meta estar praticamente alcançada.

Pirker «*identificou*» uma outra razão para o «*fracasso*» de Gorbatchov no facto de ele ser demasiado burro para reconhecer os objectivos do imperialismo. Descobriu em Gorbatchov um «*desconhecimento do carácter agressivo da essência imperialismo*». Um testemunho deste «*desconhecimento*» é, para Pirker, a «*tese nuclear do novo pensamento*» sobre a «*prioridade dos interesses gerais da humanidade sobre os interesses de classe.*»

Não deveria ter dado que pensar a Pirker o facto de esta «*tese nuclear do novo pensamento*» – na verdade ainda gérmen – já ter sido referida por Khruchov? No XXI

Congresso do PCUS (1959) foi assim formulada: «*Seria melhor para todos, se os políticos e militares americanos se deixassem conduzir por considerações humanas gerais e não por intenções egoístas.*» (Citado com indicação da fonte em *Taubenfusschronik* (Crónica dos Pés de Lã), 2.º vol., p. 235). O mesmo Khruchov, durante a sua visita ao presidente dos EUA, Eisenhower (1959), afirmou este tinha reconhecido efectivamente a coexistência pacífica com o mundo do socialismo! O «*desconhecimento do carácter agressivo da essência do imperialismo*» já caracterizava fortemente o precursor de Gorbatchov, o que na verdade parece ter escapado a Pirker.

Manifestamente os seus estudos sobre o XX e XXI congressos do PCUS não foram suficientes para compreender que a sua linha condutora foi o revisionismo moderno, uma das características fundamentais do qual é a substituição da luta contra o imperialismo pela reconciliação e cooperação com ele.

Pirker parece muito longe de uma tal compreensão; em todo o caso, claramente, afasta dela o leitor, pintando-lhe a imagem de um Gorbatchov sem nenhuma conceptualização e empurrado pelos acontecimentos, alguém que de forma nenhuma trabalhou conscientemente para provocar o fim da União Soviética:

«*Quanto mais a perestroika marcava passo, mais radical se tornava a sua teoria. Pareceu querer alterar pela esquerda as condições. “O poder ao povo”, as fábricas aos operários, a terra aos camponeses”, declarou o centro do poder que girava à volta do secretário-geral. Isto prometia mais e não menos socialismo. Estava na ordem do dia uma real socialização dos meios de produção, que ia além da sua nacionalização. Permanecerá para sempre um segredo que ideias eram, na realidade, as que orientaram, nessa época, o estado-maior da perestroika.*»

Se Pirker tivesse lido minuciosamente o discurso de Gorbatchov perante os representantes dos meios de comunicação de massas e o tivesse analisado enquanto marxista, então teria podido perceber que Gorbatchov não só sabia exactamente para onde queria ir, como até anunciou o seu objectivo – mesmo que não directamente e sem reservas: a reintrodução da propriedade privada dos meios de produção! (cf. ponto IV).

Mas já antes deste discurso – ao qual Pirker até faz referência no último parágrafo do seu artigo sob o título «*Enriquecei-vos!*» (JW de 28.02) – tinham sido aprovadas, em Dezembro de 1986, a «*Lei sobre a Actividade Individual*» e a «*Lei sobre as Cooperativas*», as quais Pirker, espantosamente, comenta assim: «*É difícil dizer se se trata de confusão teórica ou se já havia a intenção de destruir a propriedade social.*»

Como são possíveis tais dúvidas se o próprio Gorbatchov não lhes deixa qualquer espaço com as suas afirmações quer na *Spiegel*, quer no discurso em Ankara? Resposta de Gorbatchov na entrevista à *Spiegel* de 1993 à questão se ele ainda é comunista: «***Se considerar as minhas afirmações, então será claro para si que as minhas simpatias políticas pertencem à social-democracia e à ideia de um Estado social do género do da República Federal da Alemanha.***»

E Gorbatchov em Ankara em 1999: «***Quando conheci pessoalmente o Ocidente, percebi que não podia renunciar ao objectivo definido. E, para ser alcançado, precisava de substituir toda a direcção do PCUS e da URSS, bem como a direcção em todos os países socialistas. O meu ideal nessa altura era a via dos países sociais-democratas.***»

Não tinha aqui Pirker todas as razões para agradecer a Gorbatchov por lhe ter tirado todas as dúvidas sobre os seus objectivos e motivos? Mas não! Manifestamente quer mantê-las e para além disso quer que os seus leitores também as partilhem: «*Devia-se*», escreve, «*proteger Mikhail Serguéievitch de se auto-difamar de ter conspirado contra o socialismo.*»

Como assim? Pirker acrescenta: Gorbatchov «*não devia ainda nessa altura ter qualquer plano. Quando o fracasso do projecto de renovação socialista se tornou definível, deixou as coisas correr como correram.*»

Comunistas como por exemplo Rolf Vellay não precisam de nenhuma confissão de Gorbatchov, como as citadas, para reconhecer nele um inimigo consciente do socialismo. Na chamada Conferência da *Perestroika* do DKP, no IMSF de Frankfurt, em 1987, Vellay afirmou clarividente: «*Mikhail Gorbatchov, secretário-geral – é a contra-revolução na direcção no PCUS! Mikhail Gorbatchov, presidente da URSS – é o fim do socialismo na União Soviética! “Novo pensamento” – é a paralisia do conteúdo revolucionário do movimento comunista mundial.*» (Rolf Vellay, *Ensaio Escolhidos, Cartas, Discursos*, Caderno 83, Berlim, Maio 2002, Schriftenreihe fuer marxistische-leninistische Bildung der KPD, (Cadernos para a Educação Marxista-Leninista do Partido Comunista da Alemanha).

Como se explica que alguém como Werner Pirker, que os leitores do «*Junge Welt*» conheceram durante anos como um analista perspicaz das tramas imperialistas, não só tem dificuldades em reconhecer a verdade, nos casos de Khruchov e Gorbatchov, como a declara não existente, apesar de estar à vista? A resposta é suficientemente simples: Pirker «conhece-a» há muito, e também a dá a conhecer logo no início do artigo: «*O PCUS não foi liquidado pelo ataque de forças inimigas, mas sim vítima de si próprio.*»

Se os factos o contradizem, pior para os factos! Como o PCUS, segundo a decisão de Pirker, não foi liquidado, mas liquidou-se, as confissões de Gorbatchov só podem ser invenções, na melhor das hipóteses uma «auto-difamação», de que o devemos proteger...

O estranho fechar de olhos de Pirker a factos há muito comprovados tem a sua razão no facto de que, para ele como para todos os antileninistas antes dele – de Kautsky, passando por Trótski e Tito até Gysi, Brie e Bisky –, o «*sistema soviético*» fundado por Lénine e consolidado por Stáline, o «*modelo soviético*», «*o modelo de poder e o partido leninista*», «*o socialismo de Estado*», «*o sistema de comando burocrático*», desde o início que continha o germen da morte e tinha, mais cedo ou mais tarde, necessariamente que fracassar, «*destruir-se a si próprio*». Surpreendente acordo sobre esta interpretação entre ele e Robert Steigerwald. Steigerwald afirma de forma idêntica: «*A causa principal do declínio histórico é, portanto, o tipo de organização... O grupo de Gorbatchov foi confrontado com esta constelação de becos sem saída. Hoje, os seus principais representantes orgulham-se de ter iniciado o caminho da destruição da União Soviética conscientes e com empréstimos da social-democracia. Eu até considero isto uma intrujice que inventaram para apresentar o seu fracasso como o seu mérito e se tornarem meninos bonitos no Ocidente.*» (Robert Steigerwald, *Kommunistische Stand- und Streitpunkte (Perspectivas e Litígios Comunistas)*, GNN Verlag, Schkeuditz, 2002, p. 34 e seg.)

A consequência de tais interpretações consiste na conclusão: não há nada a aprender com este modelo de socialismo, excepto como não se deve fazer! As graves consequências de uma tal interpretação devem estudar-se, entre outros, no destino dos partidos comunistas francês e austríaco e na proposta de programa do DKP.

Questionámos no título: «Porquê este regresso à “cebola Gorbatchov”?» A resposta é: quando o único jornal diário alemão consequentemente anti-imperialista e um dos seus justamente mais considerados colaboradores deixam tão claramente compreender que necessitam de ajuda na área da análise histórico-materialista de factos históricos, então todos os que podem contribuir com alguma coisa, devem fazê-lo, em seu benefício dos seus leitores.

Redigido em Berlim, a 15 de Março de 2006, publicado em «Offensiv – Zeitschrift für Frieden und Sozialismus» 4/06 (Março – Abril 2006), pp. 36 – 40.